

# NATIVOS DIGITAIS E AS DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO<sup>1</sup>

*DIGITAL NATIVES AND THE DIMENSIONS OF INFORMATION LITERACY*

**Aurea Celeste Pires de Souza<sup>2</sup>**  
**Adriana Rosecler Alcará<sup>3</sup>**

**Resumo:** A competência em informação é necessária a toda sociedade, para que os indivíduos atendam suas necessidades informacionais, aprendam a aprender ao longo de suas vidas. Esta pesquisa objetivou verificar as características das Gerações Y e Z de universitários e suas possíveis relações com as dimensões da competência em informação. É uma pesquisa exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa. Os resultados demonstraram que os Nativos Digitais têm familiaridade com as novas tecnologias, mas necessitam desenvolver habilidades técnicas para seleção, busca e uso mais eficaz da informação. A dimensão política destacou-se entre os jovens, pelo interesse em participar de grupos de discussão e compartilhar ideias. Já a dimensão ética foi percebida considerando a preocupação em atribuir significado e valor à informação. Por fim, vale salientar a predominância da dimensão estética da competência em informação entre os Nativos Digitais. Essa dimensão envolve atributos sensíveis e subjetivos, reflexão, discernimento e a sensibilidade para interpretar e estabelecer conexões com a informação, desafios observados nos estudantes. Os resultados contribuem para o fortalecimento do arcabouço teórico da competência em informação e potencializam futuras pesquisas com práticas interventivas.

**Palavras-Chave:** Competência em informação. Geração Y e Z. Nativos Digitais. Dimensões da competência em informação. Características geracionais de universitários.

**Abstract:** *Information literacy is necessary for all societies, so that individuals can meet their information needs and learn how to learn throughout their lives. This research aimed to verify the characteristics of Generations Y and Z university students and their possible relationships with the dimensions of information literacy. It is an exploratory and descriptive research, with*

---

<sup>1</sup> Texto submetido, avaliado, aprovado, apresentado e premiado no XXIV ENANCIB.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciência da Informação na Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Brasil. E-mail: [aureaceleste.souza@gmail.com](mailto:aureaceleste.souza@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5762-6256>

<sup>3</sup> Doutora em Psicologia pela Universidade de São Francisco (USF/SP). Professora do Departamento de Ciência da Informação e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Brasil. E-mail: [adrianaalcará@gmail.com](mailto:adrianaalcará@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1825-0097>

*a qualitative approach. The results showed that Digital Natives are familiar with new technologies, but need to develop technical skills for selecting, searching for and using information more effectively. The political dimension stood out among young people, due to their interest in participating in discussion groups and sharing ideas. The ethical dimension was perceived considering the concern with attributing meaning and value to information. Finally, it is worth highlighting the predominance of the aesthetic dimension of information literacy among Digital Natives. This dimension involves sensitive and subjective attributes, reflection, discernment and sensitivity to interpret and establish connections with information, challenges observed in students. The results contribute to strengthening the theoretical framework of information literacy and enhance future research with intervention practices.*

**Keywords:** *Information literacy. Generation Y and Z. Digital Natives. Dimensions of information literacy. Generational characteristics of university students.*

## 1 INTRODUÇÃO

A competência em informação é uma demanda de toda a sociedade, no desenvolver de habilidades para que as pessoas sejam capazes de aprender a aprender, desde a infância, ao longo da vida, de forma a conquistar a própria autonomia para lidar com a informação. Mata e Alcará (2018, p. 99), afirmam que o desenvolvimento da competência em informação precisa ser promovido “[...] aos estudantes no ensino fundamental, médio e superior, determinando-se os objetivos de aprendizagem e as habilidades informacionais almejadas, que deverão estar em conformidade com o nível de ensino”.

Bartalo e Santos Neto (2015, p. 227) também observam que “A competência que permeia a maneira de lidar com a informação pode ser considerada imprescindível para todas as idades e gerações.” O contexto social é composto por várias gerações que partilham, respectivamente, “[...] vivências históricas compartilhadas, princípios de vida, visão, valores comuns, formas de relacionamento e de lidar com o trabalho e a vida.” (Barbosa; Cerbasi, 2014, p. 15). Atualmente, de acordo com Novaes (2018), são classificadas seis gerações, Geração Veteranos, Baby Boomers, Geração X, Geração Y, Geração Z e Geração

Alpha. Em vista disso, é importante compreender as características da competência em informação dessas diferentes gerações.

Seguindo essa perspectiva, na intenção de fazer as relações com as gerações, esta pesquisa observou a competência em informação sob a ótica das dimensões técnica, estética, ética e política, propostas por Vitorino e Piantola (2009). Assim, devido as relações interdisciplinares da competência em informação, conferindo-lhe um caráter multidimensional, Vitorino (2020) argumenta sua análise dimensional, por entender a sua contribuição para efetivar diversos entrelaces com outros assuntos igualmente relevantes.

Este estudo apresenta um recorte da dissertação de mestrado de uma das autoras e objetiva verificar se a competência em informação, em suas dimensões, pode ser influenciada pelas Gerações Y e Z de universitários.

## **2 DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO**

Vitorino e Piantola (2009; 2011) iniciaram as pesquisas em competência em informação sob o prisma das quatro dimensões, tendo como inspiração a obra de Rios (2006), que é direcionada à docência. Tendo em vista, que a investigação das autoras seria com os profissionais da informação e que estes, ao desenvolverem a própria competência em informação e estarem aptos a promovê-la em seus usuários, atuam, de certa forma, como educadores (Vitorino; Piantola, 2020).

As quatro dimensões (técnica, estética, ética e política) estão interligadas e complementam-se mutuamente de modo harmonioso, conferindo equilíbrio, de forma a propiciar o desenvolvimento dessa metacompetência nas pessoas (Vitorino, 2020). Essa mesma autora lembra que, em sua maioria, as definições apresentadas na literatura estão apoiadas na dimensão técnica, uma vez que

tendem a associar as habilidades aos instrumentos “[...] para encontrar, avaliar e utilizar de modo apropriado a informação de que se necessita.” (Vitorino, 2020, p. 55). Como, por exemplo, a definição da *American Library Association* (ALA) (1989, local. 1, tradução nossa), que diz que “Para ser competente em informação, uma pessoa deve ser capaz de reconhecer quando a informação é necessária e ter a capacidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação necessária.” Nesse conceito, é destacada a capacitação no fazer, ou seja, o preparo para localizar, analisar e saber usar, não apenas a informação, mas também as tecnologias informacionais. Contudo, Vitorino (2020, p. 55) salienta “[...] que essas ações não devem existir por si mesmas, mas sim derivar de determinadas motivações e contextos particulares, gerando uma série de consequências éticas e sociopolíticas”.

A dimensão sensível é a dimensão estética da competência em informação. Essa dimensão é integrada por elementos como a sensibilidade, a criatividade e o belo, que são inerentes à alma humana (Orelo; Vitorino, 2020). Esse termo volta-se para as diferentes maneiras pelas quais a sensibilidade age sobre as pessoas. Não se trata de teoria sobre a arte, apresenta-se como forma de considerar todos os ramos da vida em sua prática – refere-se à percepção sensível (Hermann, 2006). Nesse sentido, Orelo e Vitorino (2020, p. 139) afirmam que,

Se considerarmos a Estética como a primeira forma de apreensão das coisas e como conhecimento sensitivo, podemos inferir que ela é essencial para o desenvolvimento humano, cognitivo e, mesmo, espiritual. É a partir dela que poderemos alcançar uma cognição racional.

Pellegrini e Vitorino (2020) observam que a dimensão ética da competência em informação é imprescindível à sociedade contemporânea em sua totalidade como, por exemplo, questões acadêmicas e profissionais, além das questões pessoais. Essa necessidade se impõe em função do volume de dados produzidos

e que devem ser cuidados, armazenados adequadamente, por meio das tecnologias, para possibilitar o acesso e uso assertivo, de forma que os dados se convertam em informação. “Não saber lidar com a informação pode trazer implicações legais para os indivíduos [...]” (Pellegrini; Vitorino, 2020, p. 150). Essa dimensão está presente e permeia as demais dimensões da competência em informação. Por exemplo: na dimensão técnica – quando na prática profissional são necessárias tomadas de decisão que têm exigências de cunho social, sobre as quais incide a ética; na dimensão estética – ao buscar o equilíbrio e o bem viver, se fundamenta na ética; quanto à dimensão política – ela é associada à ética em sua natureza subjetiva (Vitorino; Piantola, 2011).

No tocante à dimensão política, De Lucca e Vitorino (2020) advogam que ela viabiliza ao indivíduo o entendimento dos direitos e deveres, incentiva o agir de forma reflexiva, possibilitando o desenvolvimento de consciência analítica, muito útil para a produção de perguntas acerca da realidade. Dessa forma, a pessoa competente em informação é um contribuinte do fomento do bem comum. Conseqüentemente, a cidadania, de forma ideal, se relaciona à capacidade de atuação participativa no contexto social. Nesse sentido, “[...] a competência em informação exerce seu papel, pois o indivíduo se apodera da informação para estar ciente dos direitos e deveres, e participar das decisões relativas à vida em sociedade.” (De Lucca; Vitorino, 2020, p. 230).

As respectivas características de cada dimensão formando o conjunto da competência em informação, evidenciam ainda mais a multiplicidade de elementos importantes e necessários para que o aprendiz esteja se desenvolvendo continuamente ao longo da vida.

### **3 CLASSIFICAÇÃO GERACIONAL E SUAS CARACTERÍSTICAS**

---

A classificação de nomes e datas limites de cada geração é imprecisa por não haver exatidão dos períodos a que se referem. Esta pesquisa adota os nomes e datas mais citados, conforme levantamento de literatura e apresenta as características das **Gerações Y e Z**.

Trotta, Simões e Ferraz (2019) constataram que as pessoas da **Geração Y** já são a maioria da população no país. Somam 34% da população do país, com 74 milhões de habitantes e representam aproximadamente 50% da força de trabalho, com previsão de chegarem a mais de 70% até 2030. São os nascidos entre 1981 e 1998. Em uma visão geral, as pessoas dessa geração são as mais instruídas e diversificadas; conhecem as tecnologias e têm consciência social. Têm grande apreço pela comodidade das compras *online* e *delivery*, sendo este um elemento relevante na tomada de decisão, o que os diferencia das demais gerações anteriores (Trotta; Simões; Ferraz, 2019).

Segundo Correa (2022), a chamada Geração Y por vir na sequência da X, também é chamada de Geração *Millennials*, por iniciar sua entrada no mercado de trabalho na virada e começo do novo milênio. São as pessoas nascidas entre 1978 e 1995. Quando nascem, o ambiente já é mais tecnológico, período do surgimento dos telefones celulares e explosão da indústria de games. A partir da prática com vídeos games, percebem a possibilidade de visualizar imediatamente a própria performance e levam essa demanda e ansiedade, por resultados rápidos, para o ambiente de trabalho. Têm interesse em saber como estão indo, se passarão para uma nova etapa profissional. São acusados de ser egocêntricos, chamados em analogia à língua inglesa de “geração *me me me*”, no sentido de “eu, eu, eu”, geração do *self*, geração do *blog*, usado para escreverem sobre si mesmos.

Entretanto, Correa (2022) afirma que é uma geração de ambiguidades, porque, se por um lado é chamada de egoísta, por não querer ter filhos, pensar no próprio prazer, com um certo hedonismo, por outro lado, é a geração da economia compartilhada, que compartilha ideias e espaço. Quando comparada com a Geração X, que gosta de acumular coisas, como, carro, casa, eletrodomésticos, entre outras, a Geração Y tem, em certa medida, um desprendimento e ao invés de comprar e acumular, podem alugar casas e carros, por exemplo.

Também tem presente a superficialidade, por exemplo, ao substituir livros de 140 páginas por *Twitters* de 140 caracteres, mas ao mesmo tempo, leu com avidez toda a coleção de livros Harry Potter de 400 a 500 páginas, cada. Além disso, lida bem com as diversidades. Uma questão curiosa salientada pelo autor, é de ser a geração que mais tatuou o corpo na história. Valoriza a flexibilidade e a liberdade, ou seja, apesar de ter o desejo de prosperar, quer associar a liberdade ao cuidado da vida pessoal. Em comparação com os mais velhos, se a Geração *Baby Boomer* se preocupava em sobreviver, a Geração X, em viver, os Milênios querem super viver, querem ter experiências (Correa, 2022).

De acordo com Weilguny-Schöfl (2023), a Geração Y nasceu entre 1980 e 1994, com variação até 1999. Tem a juventude formada por e-mail, celular, pela prosperidade e liberdade, egocentrismo, amor à independência. No quesito trabalho, em primeiro plano está a vida e depois o trabalho.

Trotta, Simões e Ferraz (2019) entendem que a Geração Z são os nascidos entre os anos de 1999 e 2019, portanto, não reconhecem a Geração Alfa. Estão iniciando no mercado de trabalho, nos estágios e funções iniciais. Assemelham-se em muitas características aos Milênios, mas são mais propensos ao

empreendedorismo; são cautelosos e buscam carreira estável. Foi a primeira geração que cresceu em um mundo totalmente digital, nunca esteve sem o *Facebook* ou celular.

Em pesquisa com gestores de dez empresas de grande porte, as quais possuem número relevante de colaboradores da Geração Z, Colet e Mozzato (2019) relataram que entre os resultados acerca dessa geração destacou-se: potencial contribuição de habilidades com as novas tecnologias para as organizações; os pontos negativos – imediatismo, inclusive de aumento salarial; querer crescimento rápido demais na empresa; contato contínuo com celulares e internet (dependendo das demandas que o cargo exige); criticidade na execução das atividades, falta de comprometimento; dificuldade de lidar com hierarquias. Os gestores afirmaram ser um desafio gerenciar o comportamento desses jovens para mantê-los nas empresas.

Para Correa (2022), a Geração Z são os nascidos entre 1995 e 2010. Considerados os Nativos Digitais, estão tão atrelados às tecnologias que provavelmente se tiverem de escolher entre a internet e alimento, escolham a internet, porque parecem não sobreviver sem ela. Já nasceram com um volume grande de informações. Os mais *nerds* são capazes de resolver questões complexas para sua idade, mesmo que muitos não saibam arrumar a cama. Nasceram em um período no qual o mundo, de forma geral, mas não generalizada, está materialmente mais próspero. No que diz respeito a essa prosperidade, chama atenção para o paradoxo do excesso, no qual a abundância acaba aparentando escassez. Apresenta como exemplo: os canais à cabo, que mediante a um número que passa de cem, nada atende ao que se quer; a geladeira com variedade de opções e acaba-se solicitando uma pizza,

porque nenhuma era o que realmente se desejava; armário com roupas variadas e se diz estar sem roupa para certa ocasião.

Correa (2022) alerta para o perigo de estarem viciados em hiper estímulos, sem querer seguir o passo a passo normal do viver, sem achar tudo entediante. Essa geração, em função de um viver abundante, acaba sentindo falta da falta, porque está sempre preenchida de tantas coisas e estímulos, o que pode deixá-la propensa à problemas de ansiedade e incapacidade de tratar as frustrações, com o tempo devido para se ter retorno de demandas da vida. Ao mesmo tempo, é a geração mais preocupada com assuntos elevados, como, pensar no bem-estar da humanidade, do planeta, do meio ambiente, de forma altruísta, para além de sua individualidade.

Esses jovens têm mais tolerância com as adversidades, buscam o compartilhamento e ao inverso das gerações mais velhas, não têm apego a marcas ou às coisas, pois preferem as experiências, como, viagens e festivais; se não possuem carro, vão de Uber ou carona. Geração de pai e mãe ausentes no lar, por trabalho, e que aprenderam desde cedo a ter uma certa autonomia, senso de liberdade, de querer assumir riscos. Talvez por isso, muitos dessa geração são empreendedores, criam *startups* ou querem ser *freelances*, porque querem fugir um pouco da rigidez das empresas tradicionais, devido a já terem nascido em meio a essa fluidez. Querem associar o salário a um propósito (Correa, 2022).

Conforme Weilguny-Schöfl (2023), a Geração Z são os nascidos entre 1995, podendo variar até 1997 e 2010, com variação até 2012. Têm como principais características fazer questão de *feedbacks* e reconhecimentos, temem o futuro, acham complicado tomar decisões, usam constantemente as mídias sociais, também fazem uso de aplicativos de namoro, não têm facilidade

em comunicar-se presencialmente e têm como prioridade a manutenção da união familiar. Essa geração divide e diferencia trabalho e vida pessoal, por exemplo, se o trabalho está aqui, lá está a vida pessoal.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa, tendo como delineamento a pesquisa bibliográfica. Teve como foco os universitários, para atender a carência de estudos no âmbito da competência em informação, sob o aspecto teórico-prático no contexto acadêmico.

Para o levantamento bibliográfico as buscas foram feitas nas bases de dados Elton B. Stephens Company (EBSCO), Educational Resources Information Center (ERIC), SCOPUS – Elsevier, Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e Google Acadêmico; com a utilização das palavras-chaves: “competência em informação” com suas variações “competência informacional” e “habilidades informacionais” mais “Geração Y”, a variável “Millenials” e “Geração Z”, com o uso do operador booleano OR entre as variáveis do mesmo termo e AND para conectar as duas temáticas. A estratégia foi usada em português, inglês e espanhol. Tendo como recorte temporal o período de 2013 a 2023, com a observância de que as publicações referentes ao ano de 2023 não representam o total da produção científica, considerando que o período da coleta foi até o mês de setembro de 2023.

Após três seleções, a primeira – com a estratégia dos termos e recorte temporal, a segunda – tendo em vista os universitários, e a terceira – com a observação dos seguintes critérios: as áreas das pesquisas; estudos que estivessem no âmbito da Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia, Documentação e ou que se referissem às bibliotecas universitárias; exclusão dos que não informavam a área e chegou-se ao *corpus* de 15 estudos.

## 5 RESULTADOS E ANÁLISES

Quando Prensky (2001) cunhou a expressão Nativos Digitais, a relacionou à Geração Y, pois eram os jovens daquele momento. Porém, pelo entendimento do próprio autor, os Nativos Digitais são as pessoas que nasceram e cresceram já na convivência com as novas tecnologias. Sendo assim, nas interpretações e análises que se seguem, quando for mencionado o termo Nativos Digitais, referem-se aos jovens das Gerações Y e Z.

As dimensões da competência em informação foram discernidas nesta seção por inferência das pesquisadoras, já que as dimensões da competência em informação não estavam explícitas nos estudos analisados. Vale lembrar, que o conjunto das quatro dimensões - técnica, estética, ética e política, perfazem a competência em informação, na perspectiva de Vitorino e Piantola (2009; 2011; 2020). Nesta pesquisa, as dimensões foram observadas separadamente para melhor entendimento, mas não independentes umas das outras. Pelo contrário, as dimensões estão sempre interligadas e a convergência das quatro formam a competência em informação.

Os jovens estudantes, participantes dos estudos selecionados, foram pesquisados entre algumas variáveis, sob o aspecto central de suas habilidades da competência em informação. Em alguns casos foram apenas observados, em outros, também sofreram intervenções com apresentação de problemas informacionais e instruções, por meio de oficinas, conversas, sistemas de perguntas e respostas, entre outras. Na sequência, será feita uma discussão, com base nos estudos (Quadro 1) que compuseram a amostra desta pesquisa, evidenciando aspectos relacionados ao objeto aqui estudado.

**Quadro 1** – *Corpus* da pesquisa em ordem cronológica de data

1	TANG, Yingqi; TSENG, Hung Wei. Distance learners' self-efficacy and information literacy skills. <b>The journal of academic librarianship</b> , [S. l.], v. 39, n. 6, p. 517-521, 2013.
2	SACHS, Dianna E. <i>et al.</i> Assessing the effectiveness of online information literacy tutorials for millennial undergraduates. <b>College &amp; Undergraduate Libraries</b> , [S. l.], v. 20, n. 3-4, p. 327-351, 2013.
3	PORTER, Brandi. Designing a library information literacy program using threshold concepts, student learning theory, and millennial research in the development of information literacy sessions. <b>Internet Reference Services Quarterly</b> , [S. l.], v. 19, n. 3-4, p. 233-244, 2014.
4	ZANINELLI, Thais Batista <i>et al.</i> Os nativos digitais e as bibliotecas universitárias: um paralelo entre o novo perfil do usuário e os produtos e serviços informacionais. <b>Informação &amp; Informação</b> , Londrina, v. 21, n. 3, p. 149-184, 2016.
5	PIANOVSKI, Vanessa de Souza. <b>Formação e desenvolvimento de competência em informação: um estudo com graduandos de Biblioteconomia</b> . 2017. 158 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.
6	PINTO, María; PASCUAL, Rosaura Fernandez. Exploring LIS students' beliefs in importance and self-efficacy of core information literacy competencies. <b>College &amp; Research Libraries</b> , [S. l.], v. 77, n. 6, p. 703, 2017.
7	TREMBACH, Stan; DENG, Liya. Understanding millennial learning in academic libraries: Learning styles, emerging technologies, and the efficacy of information literacy instruction. <b>College &amp; Undergraduate Libraries</b> , [S. l.], v. 25, n. 3, p. 297-315, 2018.
8	DISEIYE, Oyighan. Self-efficacy and attitude towards information literacy skills: a study on library and information science students. <b>Amity Journal of Training and Development</b> , [S. l.], v. 3, n. 1, p. 1-11, 2018.
9	AHARONY, Noa; GAZIT, Tali. Factors affecting students' information literacy self-efficacy. <b>Library Hi Tech</b> , [S. l.], v. 37, n. 2, p. 170-183, 2019.
10	DENG, Liya. Assess and engage: How Poll Everywhere can make learning meaningful again for millennial library users. <b>Journal of Electronic Resources Librarianship</b> , [S. l.], v. 31, n. 2, p. 55-65, 2019.
11	AHARONY, Noa; GAZIT, Tali. Students' information literacy self-efficacy: an exploratory study. <b>Journal of Librarianship and Information Science</b> , [S. l.], v. 52, n. 1, p. 224-236, 2020.
12	SOUZA, Aurea Celeste Pires de; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Competência em informação e as diferentes gerações. <b>Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação</b> , São Paulo, v. 17, n. 2, p. 1-20, 2021.
13	OSSAI, Osita Victor. Information Literacy Self-Efficacy and Academic Resilience among final year Pre-Service School Librarians: Implications for Library Mentorship. <b>Library Philosophy &amp; Practice</b> , [S. l.], p. 1-13, 2022
14	ZANINELLI, Thais Batista; CALDEIRA, Giseli; FONSECA, Diego Leonardo de Souza. Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z, Geração Polegar e Geração Alfa: perfil geracional dos atuais e potenciais usuários das Bibliotecas Universitárias. <b>Brazilian Journal of Information Science: research trends</b> , Marília, v. 16, p. e02143, 2022.
15	NICOLINO, Maria Elisa Valentim Pickler. <b>Motivação e competência em informação no ensino superior: a importância da parceria entre bibliotecários e docentes</b> . Marília. 2023. 163 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2023.

**Fonte:** Dados da pesquisa bibliográfica (2024).

Sachs *et al.* (2013) (estudo 2) pontuou que os jovens pesquisados gostam e se interessam por aprendizados e práticas interativos; preferem o controle pessoal e facilidade de uso; gostam de animação e a associação de vídeo e áudio; e sentem-se mais felizes e engajados no processo de busca, enquanto continuam motivados. Com relação às preferências, Nicolino (2023) (estudo 15) observou que os nativos digitais preferem materiais digitais, como artigos e *e-books*, mas gostam de livros impressos na rotina de estudo.

As preferências são experiências interiores e usá-las no contexto informacional está no âmbito da dimensão estética. Para esses jovens é importante o discernimento do que os agrada e gera prazer ou não. Os Nativos Digitais têm entre suas preferências o gosto por materiais digitais, como vídeo e áudio, facilidade de uso, práticas interativas e controle pessoal. Essas preferências correspondem às características dessa geração de: serem visualmente engajados, compartilharem ideias e espaço e apreço à comodidade, entre outras (Correa, 2022; Ladeira; Costa D.; Costa M., 2014; McCrindle, 2014; Oliveira, 2014; Trotta; Simões; Ferraz, 2019).

Tang e Tseng (2013) (estudo 1) observaram em sua pesquisa que os jovens possuíam habilidades de busca e uso de informações *online*; mas tinham a falsa percepção de possuir domínio para selecionar e utilizar os recursos com discernimento; dispuseram-se a participar de atividades e resolver problemas; e quando desenvolviam a competência em informação usavam estratégias mais eficazes. A mesma observação também foi notada na pesquisa de Diseiye (2018) (estudo 7), quanto à facilidade com as novas tecnologias para selecionar, localizar, usar computador, entre outras. Na mesma esteira estão os estudos de Trembach e Dengb (2018) (estudo 8); Aharony e Gazit (2019) (estudo 9) e Deng (2019) (estudo 10) ao constatarem que os jovens possuíam familiaridade com as

tecnologias de informação e que elas são facilitadoras da aprendizagem dessa geração e auxiliam no ensino da competência em informação, devendo-se usá-las para instrução e favorecimento da aprendizagem e envolvimento dos estudantes.

O domínio das novas tecnologias, característico das novas gerações, resulta em favorecimento para os estudantes no desenvolvimento da competência em informação e se revela como meio de ação da dimensão técnica, porque pensando nas habilidades de busca e uso de informações que promovem o conhecimento adequado para o aprendizado *online*, denota-se essa dimensão por dar a ideia de que a pessoa é capaz de acessar com sucesso e ter domínio das novas tecnologias. Muito em consonância com a familiaridade dos Nativos Digitais com as novas tecnologias (Colet; Mozzato, 2019; Prensky, 2001). Já a falsa percepção de possuir domínio para selecionar e utilizar os recursos com discernimento, denota a necessidade do desenvolvimento da dimensão técnica, para saber selecionar e usar de fato os recursos informacionais. Além disso, observa-se uma carência da dimensão estética, pois a percepção direciona a um movimento para o interior do indivíduo, que envolve o cognitivo e o sensível, para promover o conhecimento adequado das próprias necessidades. Por outro lado, a falsa crença de possuir habilidades informacionais, indica uma possível autoconfiança em excesso, por parte dos jovens em sua desenvoltura com as novas tecnologias, que é característica dos Nativos Digitais, conforme (Oliveira, 2011).

Tang e Tseng (2013) (estudo 1) observaram que após os estudantes participarem de intervenções instrucionais, fizeram uso de estratégias eficazes – habilidades observadas, que resultaram no desenvolvimento da dimensão técnica. Ao se envolverem nas atividades para autodesenvolvimento das

habilidades informacionais, os jovens demonstraram interesse em alcançar metas, característica identificada por Ladeira, Costa D. e Costa M. (2014). Ainda, ao se disporem a participar de atividades e resolver problemas, observa-se que os estudantes se colocam ativamente no contexto social, que é próprio da dimensão política. Também, próprio da característica geracional de terem responsabilidade social (Tapscott, 1999) e que reflete na dimensão ética.

A pesquisa de Porter (2014) (estudo 3) constatou que os estudantes perceberam a relevância do planejamento na pesquisa; demonstraram necessidade nas práticas informacionais; notaram que a pesquisa pode ser divertida e fácil, já que buscam prazer em suas atividades. Este último aspecto se coaduna com a pesquisa de Zaninelli, Caldeira e Fonseca (2022) (estudo 14), pois identificaram que os jovens procuram atividades que resultem em prazer. A importância dada ao planejamento de uma pesquisa, decorre do juízo de valor, relacionado à dimensão ética. Para as necessidades das práticas informacionais é requerido o desenvolvimento da dimensão técnica. Observa-se que os Nativos Digitais, diferentemente das gerações mais velhas, buscam por meio da experimentação sempre associar o prazer a tudo que fazem. Por essa razão, quando a desmistificação da complexidade do processo informacional é demonstrada, os jovens associam o saber fazer ao prazer (Correa, 2022; Ladeira; Costa D.; Costa M., 2014). Esse movimento de expressão interior que resulta em percepção e que pode gerar prazer, está relacionado à dimensão estética que envolve a sensibilidade.

Zaninelli *et al.* (2016) (estudo 4) notaram que os jovens têm como base de sua comunicação, a forma virtual, com buscas informacionais *online*; procuram bibliotecas presenciais que sejam alternativas e participativas; e preferem horários flexíveis. Por meio desses resultados, pode-se entender que para

realizar eficazmente o processo de busca e uso da informação, tendo como meio de ação o contexto *online*, são necessárias habilidades da dimensão técnica. Observa-se ainda, na preferência pela comunicação virtual, que se demanda a dimensão estética ao promover o prazer em prol de atividades acadêmicas. Quanto à procura de bibliotecas com ambientes presenciais participativos, vai ao encontro do que foi dito por Correa (2022), que essa é uma geração de ambiguidades. Mas percebe-se que querem justamente associar o melhor dos dois “mundos”: o virtual e o presencial.

Outra palavra que diz muito sobre os jovens dessas novas gerações é a “interação”. Essa disposição para dialogar e interagir, faz parte do ser social de todo ser humano e está associada à dimensão política. Mostra ainda, que ao buscarem um ambiente participativo desejam fazer parte, ouvir e serem ouvidos, orientados à sensibilidade pela dimensão estética. A preferência por flexibilidade de horários denota busca pela independência que orienta a autonomia, segundo Vitorino e Piantola (2011), para tomada de decisões, o que envolve a dimensão ética e a dimensão política, que está centrada na liberdade do ser humano. Sendo o apreço à flexibilidade e independência características dessas novas gerações (Correa, 2022; Weilguny-Schöfl; 2023).

Pianovski (2017) (estudo 5), após o desenvolvimento de oficinas com os jovens, observou que usaram bases de dados de confiança que desconheciam; perceberam as habilidades ou estratégias informacionais; e refletiram sobre os processos e práticas da pesquisa e quais eram suas necessidades informacionais. Assim, depreende-se que os aprendizes desenvolveram sua dimensão técnica ao usarem bases de dados que desconheciam para as suas pesquisas, também apresentaram aspectos da dimensão ética, que requer uso responsável e consciente da informação. Além disso, nota-se a dimensão

política, pois usar fontes de informação de confiança implica em exercício de cidadania. Sob o desenvolvimento dessas dimensões, observa-se características geracionais de não temerem o novo e terem consciência social (Luz, 2018; Trotta; Simões; Ferraz, 2019). As estratégias cognitivas, desenvolvidas nos aprendizes também em atividades informacionais instrutivas, se referem ao conhecimento tácito e implícito. Essas estratégias se relacionam à capacidade de compreender, relacionar e ordenar da dimensão estética. As disposições mentais dos estudantes demonstram o interesse em atingir as próprias metas, uma característica geracional, segundo Ladeira, Costa, D. e Costa, M. (2014). Além disso, o processo de refletir acerca das próprias necessidades informacionais e como buscar e usar a informação, é inerente à dimensão estética e à característica geracional de ponderar sobre a razão das atividades (Colet; Mozzato, 2019).

Entre as conclusões de Pinto e Pascual (2017) (estudo 6), averiguaram que os jovens não valorizavam habilidades informacionais de natureza cognitiva para execução de tarefas. Nesse sentido, nota-se que as habilidades informacionais de natureza cognitiva, além de requererem a dimensão técnica para efetuar a atividade, são também em sua maioria atreladas à dimensão estética, pois requerem da pessoa reflexão, discernimento, sensibilidade para compreender, relacionar e dar significado à informação. Quando se observa a carência dos jovens nas habilidades da dimensão estética e que não consideram importante desenvolvê-las, é possível identificar autoconfiança em excesso, que é uma das características dessas novas gerações (Oliveira, 2011).

Na investigação de Diseiye (2018) (estudo 7), constatou-se que para aqueles jovens é importante participar de grupos de discussão para troca de informação. Esta participação em grupos de discussões que objetivam a troca

de informação, reflete o participar da vida em sociedade, que é próprio da dimensão política, passando também pela dimensão ética, quanto ao uso responsável da informação. O desenvolvimento das habilidades da dimensão política e ética vai ao encontro da característica geracional dos Nativos Digitais de gostarem de relacionamentos interpessoais (Tapscott, 1999) e de compartilharem ideias e espaços (Correa, 2022).

Nas considerações de Trembach e Dengb (2018) (estudo 8), os jovens requereram entender que a informação encontrada precisa ter valor para suas vidas e justificativas para cada tarefa ou projetos que estão envolvidos; foram receptivos ao aprendizado que consideraram divertido e algo que vale ser feito; e tinham a tecnologia como facilitadora do aprendizado que auxilia no ensino da competência em informação. É possível denotar que a singular valorização da informação, ao ponto de ter sentido na vida dos estudantes, está na essência da competência em informação, que é definida pela *Association of College and Research Libraries* como um conjunto de habilidades integradas à pessoa que a conduzem a reconhecer a informação reflexivamente e compreender como ela é formada e o seu valor (ACRL, 2016).

A perspectiva sensível da reflexão está atrelada à dimensão estética e o valor dado à informação se relaciona à dimensão ética, pelo julgamento do valor da informação que conduz o estudante a usá-la responsavelmente. Nesse sentido, os Nativos Digitais tendem a querer assumir pessoalmente a responsabilidade sobre suas vidas (Tapscott, 1999). Quanto às justificativas requeridas pelos estudantes para a realização das tarefas, mais uma vez denota juízo de valor, da dimensão ética, ou seja, o jovem precisa identificar a razão de ser para a sua conduta informacional e isso requer também reflexão, relacionada

à dimensão estética e à característica geracional de criticidade na execução de atividades, conforme Colet e Mozzato (2019).

No que diz respeito aos jovens estudantes estarem receptivos, nota-se uma condicionante a estarem abertos, sensíveis ao aprendizado que considerem divertido, no sentido de agradável, prazeroso, ao que reconhecem valor. Significa dizer, que a pessoa se encontra suscetível à experiência de aprender, bem característico dessa geração (Correa, 2022; Ladeira; Costa D.; Costa M., 2014), e esse é um movimento interno, individual e cognitivo, relacionado à dimensão estética. E quando o aprendiz reconhece o valor da informação que possibilita o aprendizado, levando-o à autonomia, reconhece-se a dimensão ética.

Aharony e Gazit (2019) (estudo 9) apresentaram em seus resultados que os universitários pesquisados perceberam que, quanto maior o número de informações acessadas, menor a precisão e o valor da informação para demanda informacional. Os jovens também tiveram a percepção de que a autoeficácia na competência em informação está relacionada à experiência educacional e não à idade e que se relaciona ao aprender ao longo da vida. Essas mesmas crenças foram compartilhadas pelos estudantes da pesquisa de Aharony e Gazit (2020) (estudo 11); sendo observada a relação entre a desmotivação dos estudantes e o nível reduzido de autoeficácia na competência em informação. Destes resultados compreende-se que a dificuldade de lidar com um número elevado de informações seja devido à falta de conhecimento em relação às estratégias de busca e de refinamento nas fontes de informação. Esse processo está relacionado às habilidades da dimensão técnica e a sensibilidade de percepção dessa carência pela dimensão estética, sendo necessário o desenvolvimento de ambas as dimensões.

Entretanto, em seu cotidiano, é característico desses jovens estarem sempre conectados em busca de novas informações (Luz, 2018; Oliveira, 2014; Prensky, 2001). Além disso, o querer educar-se está na base da competência em informação, centrada no aprender a aprender ao longo da vida. A pessoa que continua os estudos, agrega valor ao conhecimento adquirido, que está no contexto da dimensão ética e mesmo de todas as dimensões. A experiência é interior e individual e se relaciona à dimensão estética. Nesse contexto, a literatura observa que os jovens das novas gerações são os que mais tiveram a educação formal (McCrintle, 2014) e usam seus conhecimentos para alcançarem suas metas (Ladeira; Costa D.; Costa M., 2014).

A constatação por Aharony e Gazit (2020) (estudo 11) da competência em informação relacionada à motivação ou desmotivação, corresponde às habilidades atitudinais de uma pessoa, que é movida por crenças, vivências e valores. Neste caso, a pesquisa se referiu à desmotivação dos estudantes, resultando em baixa autoeficácia na competência em informação. No contexto das dimensões, pode-se observar as atitudes por meios de ações no ambiente informacional, e que condiz com a dimensão técnica. Por outro lado, as crenças e valores são de foro íntimo e individual que se relacionam à dimensão estética. Nesse caso específico, ambas as dimensões necessitam ser desenvolvidas nos aprendizes. A esse respeito esses jovens têm sido caracterizados como entediados, pela razão de estarem sempre conectados e sempre estimulados, têm a tendência de achar as coisas da vida real, lentas e enfadonhas (Prensky, 2001).

A pesquisa de Souza e Alcará (2021) (estudo 12) apresentou como resultados que os universitários preferem a busca livre e optam pelo Google Acadêmico; desenvolvem habilidades informacionais no decorrer dos anos da

graduação; carecem de capacitação para acessar e usar a informação conscientemente para geração de novos conhecimentos; são estimulados pelas redes sociais a agruparem-se e relacionarem-se de forma *online* para divulgação e compartilhamento da informação, o que possibilita novos conhecimentos. Como consequência, depreende-se que ao preferirem buscas livres e opção pelo Google Acadêmico, fica aparente a falta de diversificação de bases de dados para buscar informação em fontes confiáveis. Denota desconhecimento dos jovens sobre estas fontes e das estratégias de busca e uso como, por exemplo, saber usar os operadores *booleanos*, sendo necessário o desenvolvimento da dimensão técnica. Além disso, é possível que os jovens nem tenham conhecimento de suas necessidades informacionais, ao que demanda também a dimensão estética para terem essa percepção. Nota-se ainda, que os jovens se mantêm na “zona de conforto”, ao buscarem o mais fácil e não quererem se esforçar, como no caso das buscas livres, sendo a preferência pela comodidade uma característica dos Nativos Digitais (Trotta; Simões; Ferraz, 2019).

Quanto a atitude do universitário, ao dar continuidade aos estudos (Souza; Alcará, 2021) (estudo 12), propicia o desenvolvimento de suas próprias habilidades informacionais e está diretamente relacionada à dimensão ética, pois esta advém da noção de autonomia, “[...] na medida em que o indivíduo ético decide por si mesmo suas ações após ponderar sobre suas possíveis consequências não apenas no âmbito pessoal, mas principalmente coletivo” (Vitorino; Piantola, 2011, p. 105). Nesse sentido, esses aprendizes também se colocam à disposição da sociedade, para uma participação mais ativa da vida pública, que é próprio da dimensão política. E esse assumir para si a

responsabilidade social, é característico dos Nativos Digitais (Tapscott, 1999; Trotta; Simões; Ferraz, 2019).

Em relação à carência para acessar e usar a informação de forma consciente (Souza; Alcará, 2021) (estudo 12), requer além do desenvolvimento das habilidades da dimensão técnica, a sensibilização da dimensão estética quanto ao valor do conhecimento informacional, pois a informação “[...] transmite-se aos indivíduos tanto a partir de referenciais do mundo exterior, com base em dados empíricos, verificáveis, objetivos, quanto do interior, por meio da intuição, da sensibilidade, da imaginação e da reflexão pessoal” (Vitorino; Piantola, 2011, p. 103). Desse modo, o desenvolvimento das habilidades da competência em informação é um processo que demanda esses três movimentos: a percepção das próprias necessidades, o dispor-se a desenvolver essas habilidades e a ação de promovê-las para desempenhá-las.

Já o relacionar-se por redes sociais (Souza; Alcará, 2021) (estudo 12), está entre as principais características dos Nativos Digitais (Oliveira, 2014). Quando os estudantes associam essa forma de comunicar-se, ao uso e compartilhamento da informação de forma responsável, observa-se as habilidades inerentes à dimensão ética, que está sempre orientada ao bem comum. Nesse contexto, também se identifica a dimensão política, em função dos jovens estarem envolvidos em um ambiente participativo. E o querer estar juntos, mesmo que *online* para partilha de informações que possibilitem novos conhecimentos, reflete por parte dessa geração uma experiência interior, característica da dimensão estética, “[...] ao lidar com os conteúdos de informação e sua maneira de expressá-la e agir sobre ela no âmbito coletivo”, como dito por Vitorino e Piantola (2011, p. 109).

Ossai (2022) (estudo 13) identificou que a resiliência acadêmica está relacionada à competência em informação. A resiliência perpassa pela sensibilização de que é necessário persistir nas atividades e essa sensibilização faz parte da dimensão estética. Nesse sentido, Dudziak (2003, p. 29), em suas caracterizações para competência em informação, afirma que a pessoa munida dessa metacompetência está sempre disposta a vencer desafios e assume “[...] responsabilidade sobre seu próprio aprendizado [...]”. Essa disposição de persistir em uma atividade até o final, destaca ainda a característica dos Nativos Digitais de quererem assumir suas responsabilidades pessoais (Tapscott, 1999).

Zaninelli, Caldeira e Fonseca (2022) (estudo 14) obtiveram como resultado de pesquisa que os jovens relutam em seguir regras; desempenham várias tarefas simultaneamente; dispersam com facilidade quando lidam com muitas informações; fazem uso das tecnologias informacionais no cotidiano. Destas considerações compreende-se que a relutância em seguir regras talvez esteja vinculada à dificuldade em lidar com hierarquias, característica dos Nativos Digitais (Colet; Mozzato, 2019; Ladeira; Costa D.; Costa M., 2014). Porém, quando se trata do processo informacional de busca e uso da informação, para o desenvolvimento das habilidades da competência em informação, alguns passos precisam ser seguidos, para que sejam autônomos informacionalmente. Para que isso ocorra, requer que os estudantes movam o seu intelecto nessa direção, o que demanda a sensibilidade dessa necessidade e esse movimento interior faz parte da dimensão estética.

Dentre as características mais peculiares dessas novas gerações, destaca-se serem tidos como “multitarefas”, ou seja, são capazes de fazer várias coisas ao mesmo tempo (Ladeira; Costa D.; Costa M., 2014; Prensky, 2001). Nota-se, no entanto, que esse atributo está relacionado a se dispersarem

com facilidade ao lidarem com muitas informações. Tais afirmações se coadunam ao resultado de Aharony e Gazit (2019) (estudo 9) de que quanto maior o número de informações *online*, menor a autoeficácia da competência em informação da pessoa. Disso infere-se pontos positivos e negativos, a saber: por serem multitarefas são ágeis, com a possibilidade de gerir bem o tempo e ter desenvoltura com as novas tecnologias, o que lhes confere certas habilidades da dimensão técnica. Porém, podem ter a falsa percepção de proficiência em buscar e usar a informação, conferindo-lhes dificuldade para obterem resultados eficazes. A dimensão estética precisa ser desenvolvida para promover a percepção da necessidade informacional e reforçar a dimensão técnica. No mesmo contexto, também se evidencia a carência da dimensão ética para o uso responsável da informação.

Observar a competência em informação sob os aspectos de suas dimensões técnica, estética, ética e política oportuniza a visualização pormenorizada de sua complexidade multifacetada. A cada peculiaridade dimensional foi possível ampliar a ideia e aprofundar o entendimento das habilidades que envolveram a competência em informação dos estudantes. Ademais, como mencionado por Souza e Alcará (2024, p. 14), as possibilidades de relações entre as dimensões da competência em informação e as ações são variadas, “[...] pois as dimensões se cruzam e se interconectam”. Uma mesma atividade demanda várias habilidades que compõem a competência em informação. Vale ainda enfatizar novamente, conforme Vitorino (2020), que as dimensões não são independentes umas das outras, pelo contrário, elas se complementam e apenas no equilíbrio das quatro a competência em informação é estabelecida.

É válido dizer que, as características geracionais correlacionadas, por inferência, às dimensões técnica, estética, ética e política, não são determinantes e especificidades apenas dos Nativos Digitais e sim, conforme levantamento da literatura, uma tendência geracional. Por exemplo, ter responsabilidade social não é exclusividade de uma geração, mas é comum perceber essa disposição entre os Nativos Digitais.

Em consonância ao que já foi visto, alguns pontos fracos relacionados à aspectos cognitivos das ações dos estudantes foram observados, com a demanda de desenvolver habilidades da competência em informação, correspondentes às carências das dimensões observadas. Entre os exemplos estão: carência nas práticas informacionais; falsa percepção quanto à seleção e uso dos recursos informacionais com discernimento; carecer de capacitação para acessar e usar a informação conscientemente para geração de novos conhecimentos; relação entre a desmotivação do estudante e o nível reduzido de sua autoeficácia na competência em informação; quanto maior o número de informações *online*, menor a autoeficácia da competência em informação da pessoa; ao lidar com muitas informações, se dispersa com facilidade; motivação pelo que é rápido; buscar o prático e o uso sem limites das tecnologias; não valorizar habilidades informacionais de natureza cognitiva.

Dentre essas dificuldades, as dimensões técnica e estética se destacam em dois quesitos: 1) A necessidade do desenvolvimento da dimensão técnica sinaliza que, tendo em vista os Nativos Digitais terem desenvoltura com as novas tecnologias e por suas características geracionais – de serem imediatistas, quererem resultados e retornos rápidos – são, por vezes, até chamados de “Geração Instantânea”. Contudo, quando se trata das habilidades da competência em informação, estas precisam ser desenvolvidas. Porquanto,

ainda por suas características, no que consiste às novas tecnologias, pela razão de os jovens já estarem acostumados a seguir seus rumos na Web de forma sempre intuitiva, talvez creiam que o processo de busca e uso da informação para pesquisas acadêmicas, também seja intuitivo. 2) Por outro lado, quando os estudantes se deparam com a necessidade de empenhar esforço, que envolve reflexão e análise, em um primeiro momento, entendem não ser importante. Dessa carência cognitiva, que requer reflexão e análise, depreende-se a necessidade do desenvolvimento das habilidades da dimensão estética, que se vincula ao cognitivo e às emoções. A Figura 1 apresenta resumidamente a relação dos nativos digitais com as dimensões:

**Figura 1** – Dimensões da competência em informação e os Nativos Digitais



Fonte: As autoras.

A Figura 1 tem ao centro a representação de uma jovem interconectada em rede virtual e pontua as dimensões da competência em informação que mais caracterizam as novas gerações, com realce para a dimensão estética, pois é perceptível que em quase todas as ações desses jovens a dimensão estética está presente. Dimensão que está relacionada à sensibilidade e à percepção; é

implícita ao ser humano, mas, sobretudo, é a dimensão mais latente dos Nativos Digitais.

Portanto, entende-se que a dimensão estética, tão vinculada aos Nativos Digitais, é o movimento de voltar-se para o que está no interior, ou seja, é a internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades informacionais, definição de Dudziak (2003) para a competência em informação e tantas vezes repetida. E ainda, Orelo e Vitorino (2020, p. 139), ao se referirem à estética, afirmam que a partir dela se tem a apreensão das coisas e como conhecimento sensitivo, possibilita-se “[...] inferir que ela é essencial para o desenvolvimento humano, cognitivo e, mesmo, espiritual. É a partir dela que poderemos alcançar uma cognição racional”. Por fim, a dimensão estética, por meio da sensibilidade, ligada ao cognitivo e às emoções, vincula-se às características geracionais, quanto ao querer experienciar, associar o fazer ao prazer e ser movido pelo que sente.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo desta pesquisa intentou observar e inferir sobre as múltiplas facetas da competência em informação, por meio das dimensões técnica, estética, ética e política, em relação às características geracionais. Algumas dessas inferências destacaram determinados aspectos, dentre os quais: dificuldades no processo informacional para selecionar, buscar e usar a informação, que denotam a necessidade do desenvolvimento da dimensão técnica; a dimensão política foi observada nos jovens, por gostarem de participar de grupos de discussões e compartilhar ideias e espaço, por exemplo; a dimensão ética foi percebida nos Nativos Digitais ao quererem significar e dar valor à informação.

Chamou atenção que a dimensão da competência em informação mais presente nos Nativos Digitais é a dimensão estética, que entre seus atributos está a questão sensível e implícita das pessoas, tais como, as emoções atreladas à busca pelo prazer (característica dos jovens) para desenvolver as atividades acadêmicas. A dimensão estética também está relacionada à natureza cognitiva, por direcionar à reflexão, discernimento, sensibilidade para compreender e fazer relações com a informação – dificuldades identificadas nos estudantes.

Cabe enfatizar as contribuições desta pesquisa para o fortalecimento do arcabouço teórico da competência em informação, tais como, visualizar a teorização das quatro dimensões em entrelace com as gerações; analisar e aprofundar as reflexões teóricas sobre as temáticas.

Esses resultados têm relevância e potencial para favorecer futuros estudos com práticas interventivas. Tendo em vista que, das quatro dimensões, a estética é a menos investigada, há uma demanda de pesquisas, e ainda mais quando observada sob a influência das necessidades informacionais cognitivas e a busca do prazer dos Nativos Digitais.

## REFERÊNCIAS

AHARONY, Noa; GAZIT, Tali. Factors affecting students' information literacy self-efficacy. **Library Hi Tech**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 170-183, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1108/LHT-10-2018-0154>

AHARONY, Noa; GAZIT, Tali. Students' information literacy self-efficacy: an exploratory study. **Journal of Librarianship and Information Science**, [S. l.], v. 52, n. 1, p. 224–236, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/0961000618790312>

- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION [ALA]. **Report of the Presidential Committee on information literacy**: Final report. [S.l.], 10 jan. 1989.
- ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES [ACRL]. **Framework for Information Literacy for Higher Education**. Chicago: ALA, 2016.
- BARBOSA, Christian; CERBASI, Gustavo. **Mais tempo, mais dinheiro**: estratégias para uma vida mais equilibrada. Rio de Janeiro: Sextante, 2014, 205 p.
- BARTALO, Linete; SANTOS NETO, João Arlindo dos. A concepção de competência em informação das diferentes gerações de pessoas. *In*: SEMINÁRIO HISPÂNICO-BRASILEIRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E SOCIEDADE, 4., 2015, Marília. **Anais [...]**. Marília: Universidade Estadual Paulista, 2015.
- COLET, Daniela Siqueira; MOZZATO, Anelise Rebeleato. “Nativos digitais”: características atribuídas por gestores à Geração Z. **Desenvolve**: Revista de Gestão do Unilasalle, Canoas, v. 8, n. 2, p. 25-40, 2019.
- CORREA, Alexandre. **Gerações X, Y (Millennials), Z e Baby Boomers**: diferenças, características e datas. [S. l.]: A. Correa, 2022. 1 vídeo (25min45).
- DE LUCCA, Djuli Machado; VITORINO, Elizete Vieira. A dimensão política da competência em informação. *In*: DE LUCCA, Djuli Machado; VITORINO, Elizete Vieira (org.). **As Dimensões da Competência em Informação: técnica, estética, ética e política**. Porto Velho, RO: EDUFRO, 2020. p. 203-234.
- DENG, Liya. Assess and engage: How Poll Everywhere can make learning meaningful again for millennial library users. **Journal of Electronic Resources Librarianship**, [S. l.], v. 31, n. 2, p. 55-65, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/1941126X.2019.1597437>
- DISEIYE, Oyighan. Self-efficacy and attitude towards information literacy skills: a study on library and information science students. **Amity Journal of Training and Development**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 1-11, 2018.
- DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003.

HERMANN, Nadja. **Ética, estética e alteridade**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO, 2. Santa Maria, RS: UFSM, 2006.

LADEIRA, Lílian Bonsanto C. N.; COSTA, Débora Vargas Ferreira; COSTA, Marcos Paulo do Couto. Geração x e y e o impacto no ambiente de trabalho. **Estação Científica**. Juiz de Fora, n. 11, 2014.

LUZ, José Lucas Gouveia da Silva Graciano e. **Geraç@es**: a gestão de competências no contexto das gerações Baby Boomers, X e Y na Universidade Estadual da Paraíba. 2018. 259 f. Dissertação (Mestrado em Gestão nas Organizações Aprendentes – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

MATA, Marta Leandro da; ALCARÁ, Adriana. A competência em informação em ambientes de informação, educação e cultura. In: GERLIN, Meri Nadia Marques (org.). **Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes**. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2018. p. 106-134.

McCRINDLE, Mark. **The ABC of XYZ**: Understanding the Global Generations. 3. ed. Austrália: mccrindle, 2014. 269 p. E-book.

NOVAES, Simone. Perfil geracional: um estudo sobre as características das gerações dos veteranos, baby boomers, x, y, z e alfa. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GESTÃO DE PROJETOS, INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE, 7. 2018, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo, 2018. p. 1-10.

OLIVEIRA, Sidnei. **Conectados, mas muito distraídos**. São Paulo: Integrare, 2014, 216 p.

OLIVEIRA, Sidnei. **Geração Y**: ser potencial ou ser talento? faça por merecer. São Paulo: Integrare, 2011, 136 p.

ORELO, Eliane Rodrigues Mota; VITORINO, Elizete Vieira. A dimensão estética da competência em informação. In: VITORINO, Elizete Vieira; DE LUCCA, Djuli Machado (org.). **As dimensões da competência em informação**: técnica, estética, ética e política. Porto Velho, RO: EDUFRO, 2020, p. 127-148.

OSSAI, Osita Victor. Information Literacy Self-Efficacy and Academic Resilience among final year Pre-Service School Librarians: Implications for Library Mentorship. **Library Philosophy & Practice**, [S. l.], p. 1–13, 2022. Disponível

em: <https://digitalcommons.unl.edu/libphilprac/7175/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

PELLEGRINI, Eliane; VITORINO, Elizete Vitorino. A dimensão ética da competência em informação. *In*: VITORINO, Elizete Vieira; DE LUCCA, Djuli Machado (org.). **As dimensões da competência em informação**: técnica, estética, ética e política. Porto Velho, RO: EDUFRO, 2020, p. 149-202.

PIANOVSKI, Vanessa de Souza. **Formação e desenvolvimento de competência em informação**: um estudo com graduandos de Biblioteconomia. 2017. 158 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

PINTO, María; PASCUAL, Rosaura Fernandez. Exploring LIS students' beliefs in importance and self-efficacy of core information literacy competencies. **College & Research Libraries**, [S. l.], v. 77, n. 6, p. 703, 2017.

PORTER, Brandi. Designing a library information literacy program using threshold concepts, student learning theory, and millennial research in the development of information literacy sessions. **Internet Reference Services Quarterly**, [S. l.], v. 19, n. 3-4, p. 233-244, 2014.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon**, Bradford, v. 9, n. 5, 2001.

SACHS, Dianna E. *et al.* Assessing the effectiveness of online information literacy tutorials for millennial undergraduates. **College & Undergraduate Libraries**, [S. l.], v. 20, n. 3-4, p. 327-351, 2013. Disponível em: [https://scholarworks.wmich.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1028&context=library\\_pubs](https://scholarworks.wmich.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1028&context=library_pubs). Acesso em: 20 ago. 2025.

SOUZA, Aurea Celeste Pires de; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Competência em informação e as diferentes gerações. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 1–20, 2021.

SOUZA, Aurea Celeste Pires de; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Dimensões da competência em informação em relação às características dos nativos digitais. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB, 24., 2024, Vitória, ES. **Anais [...]** Vitória, ES: UFES, ANCIB, 2024.

TANG, Yingqi; TSENG, Hung Wei. Distance learners' self-efficacy and information literacy skills. **The journal of academic librarianship**, [S. l.], v. 39, n. 6, p. 517-521, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.acalib.2013.08.008>

TAPSCOTT, D. **Geração Digital**: a crescente e irreversível ascensão da Geração Net. Makron Books: São Paulo, 1999, 321 p.

TREMBACH, Stan; DENG, Liya. Understanding millennial learning in academic libraries: Learning styles, emerging technologies, and the efficacy of information literacy instruction. **College & Undergraduate Libraries**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 297-315, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/10691316.2018.1484835>

TROTTA, Enrico; SIMÕES, Gabriel; FERRAZ, Alex. Millennials: Unravelling the Habits of Generation Y in Brazil. [S. l.]: Itaú BBA, 2019.

VITORINO, Elizete Vieira; DE LUCCA, Djuli Machado. Apresentação. In: VITORINO, Elizete Vieira; DE LUCCA, Djuli Machado (org.). **As dimensões da competência em informação**: técnica, estética, ética e política. Porto Velho: Edufro, 2020. p. 7-8.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. **Competência em informação**: conceito, contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação. Florianópolis: Editora da UFSC, 2020. 205 p.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência informacional–bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p.130-141, set./dez., 2009.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Dimensões da competência informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 40, n. 1 p. 99-110, 2011.

VITORINO, Elizete Vieira. As dimensões da competência em informação. In: VITORINO, Elizete Vieira; DE LUCCA, Djuli Machado (org.). **As dimensões da competência em informação**: técnica, estética, ética e política. Porto Velho: Edufro, 2020. p. 51-70.


WEILGUNY-SCHÖFL, Gerlinde. Zusammenarbeit im Pflegeberuf über Generationen: Jung und Alt, erfahren und unerfahren, Baby Boomer, X, Y, Z, Alpha. **Procure**: Das Fortbildungsmagazin Fur Pflegeberufe, Rio de Janeiro, v. 28, n. 5, p.6-8, 2023.

ZANINELLI, Thais Batista; CALDEIRA, Giseli; FONSECA, Diego Leonardo de Souza. Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z, Geração Polegar e Geração Alfa: perfil geracional dos atuais e potenciais usuários das Bibliotecas Universitárias. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, Marília, v. 16, p. e02143, 2022. DOI: <https://doi.org/10.36311/1981-1640.2022.v16.e02143>

ZANINELLI, Thais Batista *et al.* Os nativos digitais e as bibliotecas universitárias: um paralelo entre o novo perfil do usuário e os produtos e serviços informacionais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 21, n. 3, p. 149–184, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2016v21n3p149>

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Agência de Fomento Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento desta pesquisa.

**Copyright:** Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 



 [tpbci@ancib.org](mailto:tpbci@ancib.org)

 [@anciboficial](https://www.instagram.com/anciboficial)